



Chagas de Dragão

Há muito tempo acredita-se que uma assassina cruel, responsável por milhares de mortes, caminha pelo mundo. Houve décadas em que suas vítimas foram poucas e dias em que derrubou cidades inteiras. Incontrolável, surgia sem aviso e, sem distinguir reino, raça ou crença, eliminava inocentes e culpados. Nascida em algum momento esquecido, quando o mundo ainda era jovem, posso dizer que esta vilã ainda é nosso maior pesadelo. Conhecida pelo nome de Chagas de Dragão, esta, com certeza, é a pior doença (ou maldição) que os deuses já lançaram sobre nós.

Essa peste representava maior perigo dentro das muralhas das grandes cidades, onde se espalhava facilmente, matando sem perdão. Mas foi no campo que seu declínio iniciou, nas mãos de um simples fazendeiro que fez a escolha que mudou o rumo desta guerra sem igual.

Andariel era um homem simples de antepassados gloriosos. Neto de um cavaleiro com ideais incorruptos, mas que morrera em desonra, emboscado por mercenários. Seu pai fora adotado ainda jovem e levado para o campo, onde prosperou com uma vida simples, longe do caminho da espada. Andariel não teve uma vida diferente, herdando os frutos de seu trabalho árduo e construindo sua família.

Estava feliz, com filhos maravilhosos e uma esposa que o amava. Não desejava aventuras, nem ansiava por riquezas. Mas um dia isto tudo caiu por terra, pois, através de mercadores amigos, a assassina cruel os encontrou. O fazendeiro demorou em aceitar quando sua esposa e filhos adquiriram as feridas vermelhas, que sangravam e coçavam. As Chagas de Dragão eram impiedosas e contaminavam rapidamente qualquer um que tivesse contato com os doentes. Mas o fazendeiro, apesar de manter-se ao lado de sua família, milagrosamente não apresentou sintoma algum. Mostrava-se imune aos efeitos da temida maldição. Desesperado, implorava aos deuses para que o levassem junto de seus amados, quando falecessem.

Seu mundo parou, arremessando-o para fora de sua rotina. Saía todas as manhãs para buscar água para tratar dos ferimentos, deixando um velho costume de lado: Visitar o túmulo de seu pai. Antes o fazia diariamente, mas, absorto em seu sofrimento e nos cuidados que sua família precisava, havia deixado de fazê-lo. Quando se deu conta disso, tirou uma manhã para honrar seus ancestrais e visitou-o uma vez mais. Ajoelhado sobre o local onde o havia enterrado, uma bela colina de grama verde, local de descanso também de seu avô, recebeu uma visita inesperada.

- Interessado em ajuda? - uma voz rouca o assustou, tirando-o de suas preces. Era um homem maltrapilho, coberto pelas feridas vermelhas, já conhecidas.

- Não. Deixe-me em paz. - respondeu temeroso.

- Eu sei por que você não ficou doente... - provocou o mendigo, sentando-se próximo a ele.

- Quem é você? - disse, finalmente olhando diretamente para o maltrapilho. Ao vê-lo, perdeu o fôlego. As feridas cobriam todo o seu corpo e sangue vertia delas. Os olhos eram negros e a boca ostentava dentes podres. Gaguejou: - O... O que é você?

- Não sou humano... Se for isso que deseja saber... Chame-me de dragão, caso não se importe... - disse sorrindo ao ver a expressão assustada do homem. - Ah, eu sei porquê você não está doente e posso dizer como salvar sua família, neto de Olbaran.

- Conheceu meu avô?

- Fomos... amigos.

- Conte-me então! Pelos deuses, diga o que posso fazer para salvá-los! - implorou ele, ignorando a aparência do homem e abraçando suas palavras como verdade.

- Esta flor dourada... Aí, sobre o túmulo de seu pai... - apontou sem delongas. - Ela também crescia no túmulo de seu avô...

- Minha mãe gostava desta flor. Dizia que era rara, assim como homens iguais ao meu avô. - respondeu, encarando a planta à sua frente. - Ela plantou nos dois túmulos, pois dizia que apesar do meu pai não ser um cavaleiro...

Ele tinha alma de um... – completou o mendigo, interrompendo-o. – Eu conheço a história... A fazenda de sua mãe, onde seu pai cresceu foi salva por seu avô. Mas isto não importa...

O que tem a flor? – Andariel imaginava se ela teria algo haver com sua saúde.

Exato! – comemorou o maltrapilho, como se houvesse lido sua mente. As mãos espirraram sangue quando ele aplaudiu, empolgado. – Todos os dias, você vinha aqui e respirava esse... aroma. Isto o deixou imune à doença. Essa flor é um presente dos deuses, para você... Com ela, mais a que está no túmulo de seu avô, você conseguirá curar sua família! Não é uma herança incrível?

Tantos morrendo e eu recebo este presente? – O fazendeiro levantou-se desconfiado.

- Você é um bom homem, não merece sofrer. Trabalhou muito e levou uma vida honesta. Esta é sua recompensa. Deixe-me explicar como fazer: Pegue a flor, retire suas pétalas e folhas, corte o caule em pedaços e faça uma infusão com isso tudo. Dê para sua mulher e filhos beberem e eles estarão curados em algumas semanas, caso contrário, estarão mortos em poucos dias.

- Isso destruiria a planta... – comentou o fazendeiro.

- Parece que sim. – O mendigo meneou a cabeça.

- Como esta planta se reproduz?

- Não sei... – respondeu ele, irritado.

O homem permaneceu em silêncio por alguns segundos. Sua cabeça à mil. Ali estava a cura de seu tormento, sob o túmulo de dois exemplos de caráter, decorando a morada eterna de seus ancestrais, que o nome ainda ecoava, pelos feitos de bem.

Andariel tirou sua camisa e rasgou-a em duas. Com cuidado, cavou com as mãos e retirou a planta do solo, mantendo a raiz intacta. Encheu uma parte da camisa com terra e protegeu a raiz. Fez o mesmo com a do túmulo de seu avô e, sem dizer palavra alguma, correu. Olhou para trás uma última vez, mas o mendigo havia sumido.

Quando chegou em sua casa, colocou as plantas de lado, checou se a lenha estava seca e foi cuidar das crianças. Elas haviam piorado. Sua esposa dormia quando ele ajoelhou-se à sua frente e iniciou o ritual de limpar o sangue que escorria dos ferimentos. Vendo-os naquele estado, não se conteve e chorou. Um desespero profundo, reprimido por dias para mostrar-se forte, veio à tona derrubando suas últimas defesas.

- Calma, papai... – Disse sua filha mais nova, sentada na cama. Tinha uma ferida aberta na bochecha e na cabeça, como se tivessem lhe cortado. As roupas tinham as marcas vermelhas em vários pontos. – O homem doente veio aqui hoje. Ele disse para mim que você vai fazer a coceira parar e o sangue ir embora.

- De... Deite-se filha... – gaguejou ele, limpando os olhos.

- Me coloca na cama... – pediu ela.

O pai ergueu-se com grande esforço. Sentia as pernas tremerem, quando a tomou em seu colo e a levou de volta para a cama. Prostrou-se ao seu lado e acariciou seu rosto até que adormecesse. Ajoelhado, desejou que todo o sofrimento que sua família fosse colocado nele. Orou aos deuses com toda sua fé. Sua mente mantinha-se nos túmulos, em seu avô. Manteve-se ali por um bom tempo, imobilizado, em meio ao desespero pelo que estava prestes a fazer. Finalmente levantou-se. Encarou sua família sem pressa, pediu perdão e partiu.

Tomou seu cavalo e viajou veloz, lamentando sua escolha a cada metro percorrido, até chegar à cidade capital. Hesitou quando viu as imensas muralhas.

- Ainda havia tempo... – seu coração sussurrava, partido em pedaços. Incapaz de regenerar-se.

Mas sua alma negou-se a recuar e seguiu em frente. Passou pelas ruas principais, desertas, pela alta madrugada. As casas pareciam maiores e o templo, seu destino, projetava-se como um desfiladeiro pelo qual se atiraria. Era o templo da deusa da Luz, Aisha, Senhora da Bondade, Esperança e dos Sofredores. Quando bateu nas portas de madeira, o som opaco ecoou fúnebre. Sentiu vontade de correr, mas não o fez, mantendo-se resolutos frente à seu fardo.

O velho abade, em mantos brancos, estranhou ao abrir a porta e encontrar o fazendeiro aos prantos, com olhar que refletia sua esperança fragmentada.

- Eu... Eu... Eu trago isso a você, Aisha. – disse ele, caindo de joelhos, sem forças para continuar. Puxou a mochila e retirou as plantas cuidadosamente guardadas. – Essa é a cura para sua doença... A vilã que faz tantos sofrerem como eu sofro agora.

O abade o acolheu e chamou os outros sacerdotes. O fazendeiro, um pouco mais calmo, relatou com voz cortada pelos soluços, sobre o que havia visto e sobre o estado grave de sua família. Subjugado pela dor de abandonar seus entes amados à própria sorte, mal pôde explicar o que aquela planta realmente traria.

Os sacerdotes da senhora da Luz, emocionaram-se com o que haviam entendido do relato. Nem o mais sábio dentre eles encontrou palavras de conforto ou agradecimento por tal sacrifício. Humildes, somente juraram fazer jus à responsabilidade que lhes fora entregue.

No dia seguinte Andariel retornou à sua casa. Dois acólitos do templo haviam sido designados à acompanhá-lo e, por alguns dias, cuidaram com afincos de sua família.

Usando parte de uma das plantas, os clérigos decidiram fazer uma infusão e a enviaram para que o fazendeiro tentasse curar seu filho mais novo. Pessoas do templo da luz e dos outros templos na cidade, vieram abençoar o líquido e homens e mulheres oraram em vigília pedindo por intervenção dos céus.

Em um dia somente, sem acreditar, Andariel e os acólitos viram, depois de séculos, a primeira pessoa com Chagas de Dragão ser curada. A esposa do fazendeiro chorou emocionada ao ver que um filho sobreviveria e, orgulhosa, fez o marido jurar que faria de sua pequena criança, um homem como ele.

Andariel perdeu o restante de sua família pouco tempo depois. Enterrou-os ao lado de seu pai e, desde então, a cada nascer do sol, os visita para pedir perdão. Em acordo com o templo de Aisha, sua fazenda tornou-se local de plantio da flor que combatia o mal ancestral, curiosamente conhecida pelo nome de Pétalas de Dragão.

Seu sacrifício foi louvado e sua história contada pelos bardos. Um homem simples, de antepassados gloriosos. Prova de que ideais fortes não são forjados somente no campo de batalha. Iniciara sua vida como um fazendeiro comum e dedicara o restante dela na luta contra a temível doença, como um herói.

O “dragão” que viera tentá-lo jamais retornou e, como a assassina ancestral, deixou de fazer parte dos pesadelos da humanidade.

Por Leandro “Radrak” Reis Almeida
Crônicas de Grinmelken
WWW.GRINMELKEN.COM.BR